

Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 4



Atena
Editora
Ano 2023

Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 4



Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Jadilson Marinho da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
L755	Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais 4 / Organizador Jadilson Marinho da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0889-5 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.895231602 1. Linguística. 2. Artes. I. Silva, Jadilson Marinho da (Organizador). II. Título. CDD 410
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

No capítulo 1, Vítor Hugo da Silva investiga a linguagem dos missivistas e o seu trabalho de construção do gênero literário também será realizado por meio da análise da linguagem que oscila de cerimoniosa a íntima, pela percepção da construção da amizade entre os dois escritores. Para isso, o autor analisa a linguagem das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, no período de 1922 a 1944, num total de 420 missivas, publicadas no livro *Correspondência* por Marcos Antônio de Moraes em 2000. Pretende-se investigá-las como texto literário e, por meio dessa discussão, problematizar como a prática confessional domina esse gênero textual, mesmo nos momentos em que a ação crítica é predominante.

No capítulo 2, Alessandra Fonseca aborda o tema “OS CRIVOS SIMBÓLICOS ROSEANOS: Um estudo sobre as relações entre palavras e imagens em *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa”. A autora faz leituras intersemióticas dos contos rosianos “Sorôco, sua mãe, sua filha”, “Um moço muito branco”, “Substância” e suas respectivas ilustrações realizadas por Luís Jardim para o livro *Primeiras estórias*.

No capítulo 3, Clarice da Silva Costa analisa o texto dramático **Tarsila**, de Maria Adelaide Amaral, apoiando-se no conjunto teórico de Mikhail Bakhtin. Essa peça além de apresentar o relacionamento amoroso entre Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, mostra a amizade desses com Anita Malfatti e Mário de Andrade

No capítulo 4, Elza Carolina Beckman Pieper discute sobre os aspectos da política intervencionista norte-americana. Com base em autores como Frédéric Gros, Michel Foucault e Tzvetan Todorov, de modo particular, pela mobilização de conceitos como “poder”, “saber”, “território” e “verdade”. A pesquisadora pretende mostrar como os Estados Unidos da América tratam as outras nações, hierarquizando valorativamente os lugares de tal modo que separa os territórios entre civilizados e bárbaros, cabendo a solução para os problemas de violência ao sujeito exógeno.

No capítulo 5, Marcos da Silva Sales e André Luiz Gomes discutem e analisam a primeira cena da peça teatral *A Fábrica* (2005) do dramaturgo Romero Nepomuceno, considerando nesse percurso as ligações existentes entre os elementos sociológicos das personagens e suas implicações na concepção de um imaginário social proposto pelo escritor.

No capítulo 6, Silvana Alves Cardoso aborda sobre o ato enunciativo, de perspectiva bakhtiniana, contido na enunciação do tradutor/intérprete durante o processo de tradução/interpretação do Português para a Libras, e tem como objetivo analisar os sentidos dos enunciados produzidos por esse profissional.








No capítulo 7, Layane Ferreira Dules, Jenaice Israel Ferro e Bruna

Izabela Ribeiro Alves dos Santos investigam a relação que os acontecimentos históricos têm na contribuição nas aulas de literatura. Além disso, apresentam seus desdobramentos no contexto atual e a necessidade de construção de uma leitura crítica sobre o tema, buscando instrumentalizar o processo de reflexão cultural dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

No capítulo 8, Sabrina Batista Justiniano, Clodoaldo Rodrigues Vieira, Irlane Silva De Souza, Regiane Magalhães Rêgo e Rodolfo De Lyra Ferreira analisam os desafios e percepções que permeiam o ensino e aprendizado do componente curricular Língua Inglesa. Para tanto, investigam os entraves dos professores e projeções dos alunos em relação ao ensino e aprendizado de Inglês no contexto de uma escola estadual do interior do Amazonas.

No capítulo 9, Lígia Chaves Ramos dos Santos, Lindsei Chaves Ramos e Janaína dos Santos Miranda observam que o pensador Paul Ricoeur, destaca a necessidade em se colocar à prova proposições e conceitos abordados em disciplinas de historiografia e de narrativa de ficção.

Jadilson Marinho da Silva

CAPÍTULO 1	1
AS MISSIVAS DE MÁRIO DE ANDRADE E MANUEL BANDEIRA: INTIMIDADE E ESTÉTICA DA LINGUAGEM	
Vitor Hugo da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316021	
CAPÍTULO 2	12
OS CRIVOS SIMBÓLICOS ROSEANOS: UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE PALAVRAS E IMAGENS EM <i>PRIMEIRAS ESTÓRIAS</i> , DE JOÃO GUIMARÃES ROSA NO JARDIM DE ROSA, O SERPENTEAR DE IMAGENS E PALAVRAS	
Alessandra Fonseca	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316022	
CAPÍTULO 3	53
TARSILA E O MELODRAMA	
Clarice da Silva Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316023	
CAPÍTULO 4	64
EFEITOS DE VERDADE NA JUSTIFICATIVA NORTE-AMERICANA DAS GUERRAS ÀS DROGAS E AO TERROR	
Elza Carolina Beckman Pieper	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316024	
CAPÍTULO 5	70
A <i>FÁBRICA</i> DE ROMERO NEPOMUCENO, UM OLHAR SOBRE O BRASIL CONTEMPORÂNEO	
Marcos da Silva Sales	
André Luiz Gomes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316025	
CAPÍTULO 6	86
CONSIDERAÇÕES ENUNCIATIVAS ACERDA DO PROCESSO TRADUTÓRIO/ INTERPRETATÓRIO	
Silvana Alves Cardoso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316026	
CAPÍTULO 7	100
OS FATORES HISTÓRICOS NAS AULAS DE LITERATURA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CULTURA DO SUJEITO DA EJA	
Layane Ferreira Dules	
Jenaice Israel Ferro	
Bruna Izabela Ribeiro Alves dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316027	

CAPÍTULO 8 112

ENSINO E APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA: DESAFIOS E PERCEPÇÕES
NA ESCOLA ESTADUAL CORONEL FIÚZA, EM CAREIRO DA VÁRZEA-AM


Sabrina Batista Justiniano

Clodoaldo Rodrigues Vieira

Irlane Silva De Souza

Regiane Magalhães Rêgo

Rodolfo de Lyra Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316028>


CAPÍTULO 9 125

RICOEUR E O TEMPO: AS RESPOSTAS QUE FOMENTAM NOVAS AFORIAS

Lígia Chaves Ramos dos Santos

Lindsei Chaves Ramos

Janaína dos Santos Miranda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316029>

SOBRE O ORGANIZADOR 129**ÍNDICE REMISSIVO 130**

CONSIDERAÇÕES ENUNCIATIVAS ACERDA DO PROCESSO TRADUTÓRIO/INTERPRETATÓRIO

Data de aceite: 01/02/2023

Silvana Alves Cardoso

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

RESUMO: De forma geral, o processo tradutório/interpretatório possibilita a transposição de uma determinada língua para uma língua específica, em uma relação de proximidade entre os mecanismos linguísticos dessas línguas. É por meio do recurso da tradução/interpretação que os membros de uma determinada comunidade linguística conseguem acessar e compreender a língua e a cultura do outro. É o ato de versar de uma língua A para uma língua B que possibilita essa aproximação entre grupos tão distintos. Ao traduzir/interpretar, para além das estratégias teórico-metodológicas de tradução/interpretação selecionadas, o tradutor/intérprete enuncia. Assim, quais sentidos ganhariam essa enunciação? Nessa direção, a presente produção versa sobre o ato enunciativo, de perspectiva bakhtiniana, contido na enunciação do tradutor/intérprete durante o processo de

tradução/interpretação do Português para a Libras, e tem como objetivo analisar os sentidos dos enunciados produzidos por esse profissional. Para tanto, é tomado como objeto de estudo um dos vídeos, em Libras e em Português (com duração de um minuto), do material de divulgação do evento online *A Semana da Libras nas Igrejas*, disponíveis na página do *Facebook LibrasA2*. Para dar conta dos sentidos dos enunciados produzidos pelos tradutores/intérpretes durante o processo de tradução/interpretação, foram convocados apontamentos teóricos das áreas *Estudos da Tradução/Interpretação* e *Teorias da Enunciação*. Após a análise do material midiático, a tradução/interpretação, para além do processo de transposição dos mecanismos linguísticos de uma língua para outra, foi compreendida como uma manifestação da língua que se faz a partir de enunciados, os quais, por sua vez, são resultados das questões linguísticas, sociais, culturais, histórias e discursivas experienciadas por aquele que enuncia. Portanto, ficou claro que, ao traduzir/interpretar, o tradutor/intérprete lança mão de recursos que ultrapassam as estratégias empregadas para que uma tradução/interpretação seja considerada

boa. Não se trata somente de adaptações, acréscimos ou substituições dos termos feitas por esse profissional a fim de encontrar um correspondente mais adequado na língua-alvo, mas de posturas enunciativas que imprimem a perspectiva do enunciador ao enunciado.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciados, Sentidos, Tradução/interpretação, Português, Libras.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É por meio do recurso da tradução/interpretação que os membros de uma determinada comunidade linguística conseguem acessar e compreender a língua e a cultura do outro. É o ato de versar de uma língua A para uma língua B que possibilita essa aproximação entre grupos tão distintos. Historicamente, as práticas de tradução entre línguas orais precederam as traduções entre línguas de sinais – e as traduções entre línguas de diferentes modalidades – se levado em consideração o recente aparecimento das línguas de sinais¹ no âmbito dos estudos linguísticos e dos Estudos da Tradução (ET) em comparação à tradição oral. É nessa conjuntura de relação entre línguas, modalidades e culturas diversas que se situa a atuação do profissional tradutor/intérprete.

O campo disciplinar ET oferece aos tradutores/intérpretes direcionamentos teórico-metodológicos para que possam nortear da melhor forma as suas práticas de tradução/interpretação. Assim, as tomadas de decisões, estratégias e escolhas tradutórias/interpretatórias assumidas por esses profissionais se refletirão, significativamente, nos resultados da passagem de uma língua para outra. Por outro lado, considerando que, ao traduzir/interpretar, o tradutor/intérprete, para além das estratégias de tradução/interpretação selecionadas, também enuncia, quais sentidos ganhariam esse ato enunciativo? Tratar-se-ia somente da reprodução do enunciado inicialmente proferido na primeira língua (língua-fonte)?

Nessa direção, o presente texto versa sobre o processo tradutório/interpretatório de língua de sinais, especificamente, da Libras, no que diz respeito à enunciação do tradutor/intérprete de Libras no momento da tradução/interpretação, e tem como objetivo analisar os sentidos do ato enunciativo produzido por esse profissional. Para tanto, é tomado como objeto de estudo um dos vídeos em Libras e em Português (com duração de um minuto) do material de divulgação do evento online *A Semana da Libras nas Igrejas*, disponíveis na página do *Facebook LibrasA2*. Anteriormente, será feita uma breve retomada dos estudos das áreas da Tradução e da Enunciação, na perspectiva bakhtiniana, a fim de embasar teoricamente as discussões aqui apresentadas.

DA TEORIA DA TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO

À medida que as diferentes comunidades vão se expandindo e, conseqüentemente,

1 A história dos estudos linguísticos sinalizados aponta o linguista americano William Stokoe (1960) como sendo o precursor dos estudos da língua de sinais.

se aproximando umas das outras, surge a necessidade de uma atividade que possibilite a mediação entre grupos tão distintos. A tradução é essa atividade que, ao transpor de uma língua para outra, viabiliza um melhor contato entre os povos de línguas diferentes. E, para além do intercâmbio entre línguas, as culturas dessas comunidades também interagem entre si. De todo modo, nesse processo, há uma língua primeira (ou fonte), tida como o ponto de partida, e uma língua segunda (ou alvo), sendo o ponto de chegada. Quadros (2004, p. 09) caracteriza a Língua-Fonte como “a língua que o intérprete ouve ou vê para, a partir dela, fazer a tradução e interpretação para a outra língua (a língua alvo)” e a Língua-Alvo como “a língua na qual será feita a tradução ou interpretação”. Nessa mesma direção, Bassnett, (2005), citado por Lemos (2012), esclarece o processo tradutório entre as línguas:

O que geralmente se compreende por tradução envolve a tradução de um texto em língua-fonte (LF) para a língua-meta (LM), para garantir que: a) o significado da estrutura de superfícies de ambos seja aproximado e b) as estruturas da LF sejam preservadas o máximo possível, mas não ao ponto de as estruturas da LM serem profundamente distorcidas (BASSNETT, 2005 *apud* LEMOS, 2012, p. 53).

Os estudos e práticas na área da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) ainda se mostram recentes se comparados às investigações no âmbito dos Estudos da Tradução (ET), enquanto campo disciplinar já estabelecido desde a década de 70 (cf. HOLMES, 2000). Assim, é compreensível que, inicialmente, os interesses dos ET giravam em torno das relações entre línguas de mesma modalidade, especificamente da modalidade oral. Com o progressivo aparecimento, e conseqüente reconhecimento, das línguas de sinais como línguas naturais no cenário dos estudos linguísticos, esses interesses foram, recentemente, alargados a fim de contemplar, também, os diálogos entre as línguas de modalidades diferentes, como é o caso, por exemplo, entre a Língua Brasileira de Sinais² (Libras) e a Língua Portuguesa (LP).

É fato que as línguas orais e as línguas de sinais apresentam peculiaridades quanto as suas formas de produção e de percepção linguística e, portanto, se diferenciam, primordialmente, por conta da modalidade³ na qual cada uma está disposta, o que as identifica como línguas orais-auditivas e línguas visuoespaciais, respectivamente. Desse modo, fazem uso de diferentes elementos do corpo, ou mesmo para além dele⁴, para as suas realizações linguísticas: as línguas orais, em suas manifestações majoritárias, são materializadas por meio da fala e assimiladas pelos ouvidos, enquanto que as línguas de sinais – no contexto da comunicação entre surdos videntes e possuidores dos membros

2 Língua da comunidade surda brasileira, amparada legalmente pela Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002 e pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Como consta em Quadros e Silva (2017), *apud* Quadros (2019, p. 31-32), no Brasil há outras línguas de sinais além da Libras, contabilizando um total de onze línguas mapeadas no território brasileiro.

3 Sobre Efeitos de Modalidades, consultar Quadros (2006).

4 Há elementos fora do corpo, realizados a partir do Espaço Neutro – também chamado por Battison (1978), referenciado em Quadros e Karnopp (2004, p. 57), de Espaço de Enunciação – que influenciam diretamente no significados dos sinais.

superiores (braços e mãos) – são compreendidas pela visão e produzidas, em grande parte, pelas mãos e também pelas expressões não manuais.

De forma significativa, todas essas particularidades linguísticas aparecerão refletidas no processo tradutório, que, majoritariamente, na tradição, travava apenas da transposição entre duas línguas orais, como acontece, por exemplo, do Inglês para o Português e vice-versa ou entre quaisquer outras línguas orais, as quais não exigiam cuidados para com a modalidade linguística. Agora, na direção dessas novas demandas, as línguas de modalidade visuoespaciais passam a ser inseridas com outro olhar nas pautas dos ET – no Brasil, mais recentemente (SANTOS, 2013) –, vislumbrando, assim, um tipo específico de tradução, característico das línguas de sinais que mais tarde seria chamado de Tradução Intermodal. Antes, Jakobson (1975, p. 64-65) já estabeleceu uma organização clássica, distinguindo a tradução em três tipos, a saber, Tradução intralingual, Tradução interlingual, e Tradução intersemiótica.

Para além da tradução para outras semioses, como a pintura, a dança, entre outras, que se configuram como um sistema não verbal, a Tradução Intersemiótica (ou transmutação), se observada de perto, já compreende, em certa dimensão, no seu escopo, a relação entre línguas de modalidades diferentes, como ocorre entre a LP e a Libras, uma vez que trata da transposição linguística entre sistemas de signos diferentes. Ainda assim, com o intuito de contemplar de maneira mais específica as traduções em envolvem as línguas de sinais, Segala (2010) propôs a inclusão de um quarto tipo de tradução, a Tradução Intermodal, nos estudos de Jakobson. Conforme Segala & Quadros (2015, p. 358), “na verdade, essa proposta capta a especificidade dos aspectos na tradução intralingual, tradução interlingual e intersemiótica que inclui uma língua de sinais”. Tal diálogo entre os tipos de tradução pode ser visualizado da seguinte forma: a tradução pode ocorrer dentro da própria língua de sinais (Libras) – intralingual; entre duas línguas de sinais (Libras e ASL (Língua de Sinais Americama)) ou uma língua de sinais e uma língua oral (Libras e LP) – interlingual, que, em certo nível, também é uma tradução do tipo intersemiótica, por conta das modalidades distintas entre as línguas.

Por vezes, as práticas de tradução e interpretação são confundidas ou tratadas como atividades sinônimas, entretanto, por mais que estejam próximas, por fazerem parte de uma mesma área que é o campo dos ET, essas duas práticas divergem em seus objetos de trabalho e quanto ao tempo de realização de cada atividade. Segundo Segala & Quadros (2015), nas atividades de tradução das línguas de sinais, o tradutor possui um tempo reservado para a análise do texto original e para o planejamento da versão na língua alvo, o que não acontece na atuação dos intérpretes dessas línguas, em que o ato interpretatório ocorre no momento real da comunicação. Quanto ao objeto de trabalho de cada prática, Quadros (2004) esclarece:

Uma tradução sempre envolve uma língua escrita. Assim, poder-se-á ter uma tradução de uma língua de sinais para a língua escrita de uma língua falada,

da língua escrita de sinais para a língua falada, da escrita da língua falada para a língua de sinais, da língua de sinais para a escrita da língua falada, da escrita da língua de sinais para a escrita da língua falada e da escrita da língua falada para a escrita da língua de sinais. A interpretação sempre envolve as línguas faladas/sinalizadas, ou seja, nas modalidades orais-auditivas e visuais-espaciais (QUADROS, 2004, p. 09).

Nessa direção, tradutores e intérpretes são profissionais distintos e assumem posturas diferentes no processo de transposição de uma língua para outra. O primeiro é aquele que, com tempo reservado para tal, traduz texto escrito de uma língua para a outra, e o segundo é o que, no momento da comunicação, interpreta de uma língua para outra. Ainda assim, essa distinção, por outro lado, não anula a existência do profissional tradutor-intérprete, que está apto a desempenhar as duas práticas. Nas línguas de sinais, é bastante comum o profissional TILS⁵ (Tradutor-Intérprete de Língua de Sinais), como sendo a “pessoa que traduz e interpreta a língua de sinais para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentar (oral ou escrita)” (QUADROS, 2004, p. 11).

Tendo em mente que o processo de tradução/interpretação de uma língua para outra não se dá, predominantemente, de forma literal, isto é, nem sempre há uma transposição *ipsis litteris* dos signos linguísticos do sistema-fonte para os signos linguísticos do sistema-alvo, os profissionais intérpretes/tradutores, além da competência tradutória⁶, fazem uso de diferentes estratégias para o bom desempenho das suas práticas tradutórias/interpretativas. E com os avanços das pesquisas na área dos ETI, cada vez mais os pesquisadores (cf., por exemplo, Hortêncio (2005), Novaes (2002)) têm se interessado em estudar essas estratégias, tais como a Simplificação, a Explicitação, a Tradução Literal, a Paráfrase, a Equivalência, o Apagamento, entre outras. Em Barbosa (2015, p. 45), com base em Lesson (2005), são encontradas as seguintes estratégias: Omissão, Adição, Substituição, e Parafraseamento.

Em maior ou menor grau, as estratégias de tradução/interpretação encontradas na literatura da área são correspondentes e culminam para um objetivo comum, que é a oferta de direcionamentos estratégicos às práticas dos profissionais tradutores/intérpretes. Por meios delas, os tradutores/intérpretes alicerçam as suas tomadas de decisões e passam a compreender que Omitir, Acrescentar, Substituir etc. não representam falhas no processo de tradução/interpretação, mas recursos necessários para se alcançar com êxito a transposição entre línguas e, assim, mediar, da melhor forma, a comunicação entre as partes envolvidas na enunciação.

Se considerado por um viés unicamente estrutural⁷ (linguisticamente falando), o processo tradutório/interpretatório é apenas a transposição dos elementos linguístico-

5 No Brasil, a profissão de tradutor e intérprete de Libras é regulamentada pela Lei nº. 12.319, de 1º de setembro de 2010.

6 Alves; Magalhães; Pagano (2005, p. 13) definem competência tradutória como “todos aqueles conhecimentos, habilidades e estratégias que o tradutor bem sucedido possui e que conduzem a um e exercício adequado da tarefa tradutória.

7 Uma discussão sobre o legado linguístico-cientificista na tradução é apresentada em Silva (2018).

estruturais de uma língua para os elementos de outra língua. Por outro lado, se tomado pela perspectiva funcional, especialmente com a “virada cultural nos estudos de tradução a partir dos anos 1980 em diante” (SILVA, 2018, p. 48), esse processo, embora não podendo ser totalmente desligado dos recursos estruturais de uma língua, não mais é concebido como uma ação puramente linguística, ou seja, não se limita a traduzir a forma linguística de uma língua para a forma linguística da outra língua.

DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO

Compreendendo que o processo de tradução/interpretação de idiomas também é uma manifestação da língua em forma de enunciados, e que, ao traduzir/interpretar, o tradutor/intérprete, para além das estratégias teórico-metodológicas de tradução/interpretação escolhidas, o tradutor/intérprete igualmente enuncia, é preciso considerar que:

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva, que ocorre por meio de um ou de vários enunciados. Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua (VOLÓCHINOV, 2018, p. 214-215).

Desse modo, o ato de traduzir/interpretar também é um “acontecimento social da interação discursiva, que ocorre por meio de um ou de vários enunciados”. Isso porque, pelo viés funcional, também – como em todo estudo de ordem funcional – é necessário levar em conta os fatores para além das formas linguísticas, como, por exemplo, as questões de natureza histórico-cultural, contextual, discursiva, enunciativa etc., que, de alguma forma, influenciam significativamente na ação de traduzir/interpretar.

Nos estudos enunciativos, as manifestações linguísticas são concebidas a partir da concepção dialógica da linguagem, que, nos termos de Bakhtin (1997), diz que é impossível haver um enunciado absolutamente neutro, pelo contrário, é “sempre cronológica, social e historicamente situado” (SILVA, 2018, p. 48). Então, o que é, agora, enunciado é o reflexo também de anunciações anteriores, as quais são igualmente carregadas de intenções, a depender da natureza motivacional do enunciado. Nessa concepção bakhtiniana, um enunciado nunca fala sozinho, ele é incapaz de monologar. Assim, não se comporta como uma manifestação linguística autônoma e individual, mas está em constante interação com outros enunciados, mantendo um vínculo entre si e compondo uma cadeia discursiva mais ampla, características dialógicas estas que, segundo Bakhtin (1997), são inerentes a todo e qualquer enunciado.

Ainda de acordo com Bakhtin (1997), todos os recursos linguísticos (lexicais, morfológicos e sintáticos), que compõem a língua enquanto sistema empregado pelo locutor, mostram-se neutros até o momento em que se leva em conta o plano dos valores da realidade na enunciação. A quebra da neutralidade dessas unidades linguísticas estruturais

está diretamente ligada a fatores como o sujeito, o tempo, o espaço, a finalidade e o contexto da enunciação, os quais influenciam no sentido dos enunciados. Nessa mesma direção, Volóchinov (2018, p. 180) diz que uma “palavra, retirada do contexto, anotada no caderno e decorada de acordo com a sua significação [...], passa a ser tão somente objetificada e estagnada” e que “no processo da sua compreensão passa a prevalecer em excesso o momento do seu reconhecimento”. Portanto, ao usar a língua, o locutor, situado em contextos de enunciação específicos, enuncia muito mais que os elementos gramático-estruturais, enuncia valores e intenções.

A relação valorativa com o objeto do discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado se define acima de tudo por seus aspectos expressivos. Isto é comumente admitido no domínio da estilística – chega-se, aliás, a reduzir o estilo aos aspectos emotivo-valorativos do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 308).

Ao produzir enunciados, o locutor recebe interferências de naturezas distintas – inclusive de outros enunciados gerados nas interações que formam a cadeia discursiva – e faz uso de critérios de diferentes ordens, os quais norteiam a seleção das palavras a serem empregadas nos enunciados, como revela Bakhtin (2010, p. 291): “selecionamos aquelas que pelo tom correspondem à expressão do nosso enunciado e rejeitamos as outras”. Desse modo, essa escolha de palavras não se dá ao acaso, somente como uma unidade linguística, mas como entidades que constituirão o conteúdo dos enunciados selecionadas de forma responsiva, consciente e cheias de intenções discursivas. Aqui, a entonação ultrapassa os limites da palavra, enquanto forma da língua, e atinge as extensões dos enunciados. Sobre isso, ele adiciona:

Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, *lexicográfica*. Costumamos tirá-las de *outros enunciados* e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; conseqüentemente, selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero. [...] as palavras podem entrar no nosso discurso a partir de enunciações individuais alheias, mantendo em menor ou maior grau os tons e ecos dessas enunciações individuais (BAKHTIN, 2010, p. 292-293).

Assim, a tradução/interpretação, enquanto ocorrência concreta da linguagem, igualmente acontece em forma de enunciado – “posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido” (BAKHTIN, 2010, p. 289) –, os quais, por sua vez, não estão, necessariamente, presos à materialidade linguística e são selecionados por motivações específicas do locutor. Para o autor, o enunciado é “a real unidade da comunicação discursiva”, uma vez que “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (2010, p. 274). E acrescenta:

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de

linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, desse diálogo, com sua continuidade, como uma réplica e não como se ele se relacionasse à parte. (BAKHTIN, 2015b *apud* SILVA, 2018, p. 48).

No campo das teorias enunciativas, há ainda, além das considerações acerca da enunciação, a ideia re-enunciação, que, em certa medida, também pode ser estendida à área dos estudos tradução/interpretação no momento em que se concebe a “visão de tradução como re-enunciação, isto é, uma modalidade de transmissão do discurso alheio em que usamos nossas palavras” (SILVA, 2018, p. 73). Nesse ponto, por mais que re-enunciar seja, grosso modo, enunciar o discurso já enunciado do outro, um discurso previamente carregados de intenções particulares, essa produção de re-enunciados está, igualmente, sujeito a sofrer mudanças demandadas por aquele que faz a re-enunciação. A seleção dos itens lexicais da re-enunciação, por sua vez, também não se dá de forma neutra, como uma reprodução dos termos empregados no enunciado primeiro, porém segue os desígnios do novo enunciador, sob novos contextos de produção e influências.

De acordo com Silva (2018, p. 72), citando Bakhtin (1981), “a palavra do outro re-enunciada não se reduz a informações, indicações, regras, modelos”, ao contrário, na re-enunciação, “ela tenta determinar as próprias bases de nossas inter-relações ideológicas com o mundo e do nosso comportamento, surgindo ou como *palavra autoritária* ou como *palavra interiormente persuasiva*”. Isso significa que a palavra re-enunciada reflete, também, e de modo particular, a voz do re-enunciador, cuja, atravessada por concepções sociais, culturais, históricas, ideológicas, produz enunciados com interesses argumentativos específicos, de caráter persuasivo e, muitas vezes, distantes do propósito da enunciação inicial.

Nessa mesma direção, a re-enunciação, para Folkart (1991), referenciado em Silva (2018, p. 90), “é uma apropriação exercida por uma subjetividade, que se manifesta através de uma voz enunciativa”. Assim entendido, é essa subjetividade do locutor re-enunciador que faz com que os novos enunciados produzidos, por vezes, afastados da subjetividade do locutor do enunciado, enveredem por caminhos diferentes dos direcionamentos seguidos pela enunciação primária. Portando, o ato de re-enunciar, tal como o de enunciar, sofre influências que estão além das estruturas da língua, e é, sobretudo, resultado do contexto histórico-social no qual está inserido aquele que re-enuncia e, por isso, tão pouco se mostra neutro.

DA ANÁLISE

Como dito anteriormente, o objeto de análise deste estudo é um dos vídeos do material de divulgação do evento online *A Semana da Libras nas Igrejas*, com o foco na enunciação do tradutor/intérprete no momento da passagem da língua oral para a língua

sinalizada, e com o objetivo analisar os sentidos do ato enunciativo produzido por esse profissional. O vídeo em questão, com duração de um (1) minuto, está disponível na página do *Facebook* intitulada *LibrasA2*, e mostra duas pessoas, um homem e uma mulher, em que esta sinaliza, em Libras, a fala, em Português, produzida por aquele. O vídeo traz, ainda, como o título “COMO OUVIRÃO SE NÃO HÁ QUEM PREGÉ?” e como legenda “E COMO OS SURDOS ENTENDERÃO SE NÃO HÁ QUEM INTERPRETE?”, os quais permanecem durante toda a sua extensão.

Nesse contexto específico, em termos de versar de uma língua A para uma língua B, o Português é a Língua-fonte e a Libras é a Língua-alvo, uma vez que, como evidenciado por Quadros (2004), a primeira é a língua que o intérprete ouve ou vê para então fazer a tradução/interpretação e a segunda é a língua para a qual é feita a tradução/interpretação propriamente dita. E, aqui, esse processo tradutório/interpretatório ocorre entre línguas e semioses diferentes e entre modalidades, também, diferentes. Assim, pode ser classificada como uma tradução/interpretação Interlingual e Intersemiótica, de acordo com a tipologia de Jakobson (1975), e como uma tradução/interpretação Intermodal, conforme a organização de Segala (2010).

Tendo em vista que se trata de um vídeo produzido para a ampla divulgação de um evento online sobre Libras, o que significa que foi pensado, planejado e, principalmente, editado para essa finalidade específica, é preciso considerar algumas questões sobre a caracterização e diferenciação do processo de tradução e de interpretação. Como visto, com base em Segala & Quadros (2015), teoricamente, a tradução disponibiliza um tempo reservado para a análise do material na língua-fonte e para o preparo da versão na língua-alvo, e, sobretudo, envolve uma língua na forma escrita; em contrapartida, a interpretação acontece no momento real da comunicação (ainda que, em alguns casos, o intérprete tenha acesso previamente à temática da discussão), e envolve, primariamente, uma língua falada ou sinalizada, a depender da modalidade de cada uma. Desse modo, na atuação da tradutora/intérprete do vídeo em realce, é possível perceber uma aproximação, e até combinação, entre as especificidades desses dois processos, certamente por conta do contexto de produção do material midiático. No vídeo, a mulher faz uma tradução ou uma interpretação? Hipoteticamente, a resposta seria *interpretação*, por envolver uma língua na forma falada e ocorrer simultaneamente à fala do homem, entretanto, não se pode desconsiderar que, em um vídeo gravado e, certamente, editado, os envolvidos dispõem de um tempo reservado para sistematizar a transposição entre as línguas, o que também não impede a presença do registro escrito da língua, características estas da tradução.

A fim de viabilizar a análise do sentido da enunciação produzida pela tradutora/intérprete, foi feita a transcrição da sinalização em Libras, bem como a transcrição da fala em Português proferida pelo homem. É válido destacar que a transcrição da sinalização da tradutora/intérprete foi realizada por uma professora surda especialista, para que, assim não exista interferência do entendimento de uma perspectiva ouvinte nos fatos transcritos

e para melhor assegurar a manifestação e compreensão real da língua sinalizada. A seguir, as transcrições das duas enunciações:

Transcrição (Oral)	Transcrição/tradução
01": Na sua igreja, já foi algum surdo?	(Sinalizada)
04": Você já parou para pensar que talvez não tenha ido nenhum surdo porque não tem nenhum intérprete de Libras?	01": Olá! O surdo já integra a sua igreja?
11": Eu, juntamente com a Kérima, nós queremos te ajudar a mudar essa realidade.	05": Vocês já pensaram que às vezes o surdo nunca frequenta porque ainda não tem intérprete?
17": É por isso que nós queremos fazer um convite todo especial a você.	13": Nós dois ajudaremos, incentivaremos amudança, para o surdo integrar a sua igreja.
22": Nos dias 01, 03 e 05 do mês de abril, nós teremos um evento chamado "A Semana da Libras nas Igrejas".	21": Temos um convite especial. Ok?
32": E neste evento, 100% online, 100% gratuito, nós queremos que você participe porque estaremos ajudando com estratégias e mostrando possibilidades de como a sua igreja pode ser acessível para receber um surdo.	24": Dia 01, dia 03, dia 05 do mês de abril teremos a Semana da Libras na Igreja.
49": Se você deseja participar desse evento, clica no botão <i>Saiba mais</i> , que vai aparecer em algum local desta postagem, e nós nos veremos lá no evento.	32": Então! As aulas serão online e gratuitas.
	37": Nós convidamos vocês para assistirem.
	40": Ajudaremos com estratégias e possibilidades sobre como a igreja ser acessível para aceitar a pessoa surda.
	49": Vocês têm interesse?
	51": Aproveitem e cliquem no link para fazer a inscrição.
	55": Nós nos encontraremos na aula. Ok?
	58": Até mais!

Fonte: produção própria (2021)

Fonte: professora surda (2021)

De forma sumária, como já afirmado, o vídeo trata da divulgação do evento online *Semana da Libras na Igreja*. E, em uma perspectiva comparativa entre os dois enunciados presentes no vídeo, verifica-se, logo no início, que a tradutora/intérprete começa a sinalização com uma saudação (Olá!), o que não se observa na fala em português, que já é direcionada ao assunto do vídeo. Aos 11", a apresentação das pessoas do discurso (Eu, juntamente com a Kérima) é substituída pelo pronome Dual (13": Nós dois) como uma estratégia legítima na gramática das línguas visuo-espaciais. No mesmo trecho, a tradutora/intérprete emprega, ainda, o termo *incentivar* para complementar a ideia de ajudar, dita pelo homem. Ao dizer as datas do evento, a mulher dá ênfase na palavra *dia*, empregando-se antes de cada numeral. A tradutora/intérprete também opera com o marcador discursivo *então*, o que não ocorre na fala em Português. Para expressar o convite, a sinalizadora utiliza-se, aos 49", de uma interrogativa, ao passo que, na oralização em Português, também aos 49", é empregado uma condicional. A tradutora/intérprete também faz uso do termo *aproveitem*, e finaliza o seu enunciado com uma despedida (Até mais!), igualmente não encontrados na enunciação do homem. Para além do emprego das estratégias de tradução/interpretação – Omissão, Adição, Substituição, Parafraseamento, como visto a referência em Barbosa (2015), a partir de Lesson (2005) – enquanto recursos

que possibilitam atingir com sucesso a passagem da língua oral para a língua de sinais, a tradutora/intérprete também manifesta aspectos de natureza enunciativa que ultrapassam os elementos estruturais das línguas. Não se trata apenas de um enunciado repleto de adaptações, acréscimos ou substituições de palavras, mas são escolhas responsivas, e com intenções específicas, que carregam implicações, também, discursivas e funcionais para o resultado final da tradução/interpretação. Aqui, é importante deixar claro que o foco não é dizer se a tradutora/intérprete possui ou não competência tradutória/interpretatória, mas analisar o traduzir/interpretar como um ato de enunciação repleto de sentidos diversos.

[...] a tradução é um processo que envolve muito mais do que uma relação bilateral, hermética e exclusiva entre dois textos e/ou dois autores; que a tradução, em especial a epistêmica, é um lugar onde circulam vários discursos estabelecendo relações dialógicas às quais o tradutor não fica indiferente ou neutro, muito menos invisível (SILVA, 2018, p. 17).

Na tradução/interpretação em realce, o uso dos termos de saudação (Olá!) e de despedida (Até mais!) empregados no enunciado da tradutora/intérprete – e não empregados na língua-fonte (Português) – podem representar o conhecimento sociocultural desse profissional sobre as formas polidas de iniciar e de finalizar uma conversa e, assim, manter uma aproximação mais amigável com o público. Situação similar parece acontecer com o emprego do marcador discursivo *então*. A utilização do pronome Dual (Nós dois) também reflete essas marcas enunciativas do tradutor/intérprete, que, situado em um contexto histórico-linguístico particular, opta por enunciar dessa forma e não de outra, como a simples transposição das pessoas do discurso usadas no Português para a Libras. Ao enunciar *incentivar* (além do termo *ajudar*, dito em Português), o tradutor/intérprete insere uma nova ideia, reforçando, mas também ampliando, a fala da língua-fonte. A ênfase na palavra *dia* também assinala uma postura enunciativa desse profissional, assim como o uso da interrogativa (no lugar da condicional) na tradução/interpretação.

De forma sucinta, tudo isso revela que os enunciados produzidos pelo tradutor/intérprete não representam a reprodução, *ipsis litteris*, dos enunciados proferidos na primeira língua, pelo contrário, tais enunciados, para além das estratégias de tradução/interpretação, são carregados de sentidos outros, os quais se dão a partir do contexto linguístico, social, histórico, cultural e discursivo no qual esse profissional está inserido. Igualmente, a seleção dos itens lexicais empregados na tradução/interpretação não ocorre de forma aleatória ou apenas em atendimento à técnica da profissão, mas também de acordo com a intenção enunciativa daquele que produz os enunciados.

Essa linha de raciocínio também pode se estendida à ideia de re-enunciação. Ao re-enunciar, por meio da tradução/interpretação, o tradutor/intérprete do vídeo em análise, em certa dimensão, realça a sua voz de re-enunciador do enunciado do outro nas escolhas que faz, mas não uma voz de replicação da voz do enunciador, e sim uma voz marcada, inclusive, por suas concepções particulares. Assim, em um processo re-enunciativo,

como visto anteriormente, o tradutor/intérprete, jamais de forma neutra, sinaliza o seu posicionamento, evidencia o seu ponto de vista e as suas convicções no ato de traduzir/interpretar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta produção abordou os sentidos da enunciação produzida pelo profissional tradutor/intérprete no momento da passagem do Português para a Libras. Assim, adotou como objeto de estudo um dos vídeos do material de divulgação do evento online *A Semana da Libras nas Igrejas*, disponíveis na página do *Facebook LibrasA2*. Aqui, a tradução/interpretação, para além do processo de transposição dos mecanismos linguísticos de uma língua para outra, foi compreendida como uma manifestação da língua que se faz a partir de enunciados, os quais, por sua vez, são resultados das questões linguísticas, sociais, culturais, histórias e discursivas experienciadas por aquele que enuncia.

Portanto, ficou claro, por meio do vídeo analisado, que, ao traduzir/interpretar, o tradutor/intérprete lança mão de recursos que ultrapassam as estratégias empregadas para que uma tradução/interpretação seja considerada boa. Como visto, não se trata somente de adaptações, acréscimos ou substituições dos termos feitas por esse profissional a fim de encontrar um correspondente mais adequado na língua-alvo, mas de posturas enunciativas que imprimem a perspectiva do enunciador ao enunciado.

REFERÊNCIAS

ALVES, G; MAGALHÃES, C; PAGANO, A. *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Estética da criação verbal*. Tradução (do francês) de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. Revisão da tradução de Marina Appenzellerl. Coleção Ensino Superior. 2º cd. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Diego Mauricio. *Omissões na interpretação simultânea de conferências: Língua Portuguesa - Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 25 abr 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 25 de março de 2021.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 25 de março de 2021.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 2 set. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm. Acesso em: 25 de março de 2021.

HOLMES, J. The name and nature and Translation Studies. In VENUTI, L. (Org.). *The Translation Studies Reader*. Routledge. London, New York, 2000.

HORTÊNCIO, F. G. H. *Um estudo descritivo sobre o papel dos intérpretes de libras no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.

LEMONS, Andréa Michiles. *As estratégias de interpretação de unidades fraseológicas do português para a libras em discursos de políticos*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

NOVAES, L. *O intérprete de tribunal, um mero intérprete?: um estudo descritivo sobre o papel dos intérpretes nos fóruns de Boa Vista-RR e Fortaleza-CE*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2002.

QUADROS, Ronice Müller de. *Libras*. Coleção Linguística para o ensino superior - 5. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de. Efeitos de modalidade de línguas: as línguas de sinais. *ETD: Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 167-177, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Secretaria de Educação Especial (SEESP). Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Silvana Aguiar. *A tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010*. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SEMANA DE LIBRAS NAS IGREJAS. Propaganda apresentada pelos idealizadores da página LibrasA2. [S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (1min). Publicado pela página do Facebook LibrasA2. Disponível em: <https://www.facebook.com/LibrasA2/videos/224019612743235>. Acesso em: 16 de março de 2021.

SEGALA, Rimar Ramalho; QUADROS, Ronice Müller de. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em português para a libras oral. *Cad. Trad.*, Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 354-386, jul-dez, 2015.

SEGALA, Rimar. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística: português escrito para a língua de sinais*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SILVA, Heber de Oliveira Costa e. *A tradução na perspectiva dialógica: a re- enunciação da teoria de Austin em português*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

STOKOE, William C. *Sign language structure*. Reedição. Silver Spring, Maryland: Linstok Press, 1960.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2018.

A

A Fábrica 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 85

B

Bakhtin 53, 58, 59, 60, 63

C

Correspondência 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 51, 63

Currículo escolar 112

D

Discurso Norte-Americano 64, 66

Dramaturgia 55, 56, 57, 62, 63, 70, 72, 73, 74, 84

E

Educação de jovens e adultos 100, 101, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 123

Efeitos de verdade 64, 65

Ensino de inglês 112, 119, 120, 121, 122

Enunciados 66, 86, 87, 91, 92, 93, 95, 96, 97

Escola pública rural 112, 122

Estados de violência 64, 67, 69

Estética da linguagem 1, 3, 5, 11

Estética Teatral 70

F

Fatos históricos 61, 80, 100, 102, 103, 104

Formação docente 113, 118, 129

I

Interpretação 5, 12, 14, 15, 16, 30, 33, 38, 40, 45, 49, 50, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 105, 110

L

Libras 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99

Língua inglesa 112, 114, 118, 119

Literatura 3, 5, 11, 13, 20, 21, 30, 33, 41, 43, 44, 61, 63, 70, 71, 72, 83, 84, 90, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 129

M

Manuel Bandeira 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 20, 21

Mário de Andrade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 21, 53, 57

Melodrama 53, 54, 55, 59, 62, 63

Modernismo 3, 10, 53, 55, 56, 57

P

Palavras 1, 3, 8, 12, 16, 18, 23, 25, 27, 28, 34, 46, 47, 49, 53, 64, 68, 70, 72, 82, 83, 84, 87, 92, 93, 96, 100, 110, 112

Português 86, 87, 89, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 116, 118, 120, 125

Primeiras estórias 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

R

Relações 1, 11, 12, 13, 15, 17, 27, 59, 60, 63, 64, 66, 68, 70, 72, 74, 76, 81, 83, 88, 93, 96, 103, 108, 109, 115, 127

Romero Nepomuceno 70, 71, 72, 77

S

Sentidos 34, 86, 87, 94, 96, 97, 101, 117

T




Tarsila 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

Teatro 3, 20, 21, 26, 53, 55, 56, 63, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 84, 85

Tradução 12, 13, 14, 24, 33, 49, 50, 63, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 110





LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 4

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 4

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br